

O tempo na sessão de análise e a partitura musical

reflexões sobre o enquadre na obra de André Green

Michael Reuben

Resumo O artigo explora as figuras do tempo presentes em uma sessão de análise. O díptico enquadre externo e enquadre interno do analista funciona como analisador do processo analítico e da presença da associatividade na clínica online e na presencial. Elementos da música como ritmo, espaço e tempo são usados como metáfora dos processos que ocorrem em uma sessão de análise.

Palavras-chave heterocronia; enquadre; aparato de linguagem; espaço e tempo; partitura musical.

Michael Reuben é psicólogo pela PUC-SP e psicanalista pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Membro da Rede de Atendimento Psicanalítico e da Gesto Psicanálise. Coordena grupos de estudos independentes sobre o pensamento clínico de André Green.

Em meu princípio está meu fim. [...]
Em meu fim está meu princípio.
T.S. Eliot¹

— Esse foi um corte lacaniano? – o Sr. B. me perguntou.

– O que lhe faz pensar que foi?

– Sei lá, fez muito sentido isso que você falou, foi perfeito.

– Bem, como eu disse, vamos ficar por aqui hoje.

Esse diálogo trivial se deu exatamente ao final de 50 minutos da sessão do Sr. B., experiência que tem se repetido com certa frequência no seu processo de análise. Em outro dia, no final da sessão, passados os mesmos 50 minutos, algo semelhante aconteceu. Mas, antes, o início da sessão:

– Estou triste, estou na “friend zone”. Gostando de uma pessoa, o Sr. Z., mas ele é meu amigo.

Agora, no final...

– Talvez o que você esteja me dizendo é que você não quer mais estar na “friend zone” com o Sr. X [detalhe: não é o Sr. Z do início], ouço que você está fazendo uma escolha, talvez você agora possa falar com o Sr. X., falar sobre a “friend zone” com ele.

– Nossa, Michael, que final, foi um grande final. Falei de “friend zone” no início da sessão e você falou agora, no final, com outro significado. Que grande final!

Não havia sido a primeira vez em que o Sr. B. demonstrava assombro com que o final da sessão trouxesse um sentido latente, uma revelação repentina, como nas palavras de Green em *O tempo fragmentado*: “Não somente sentida e suportada como um momento

1 T.S. Eliot, *Quatro quartetos*. East Coker.



*faço-me as perguntas:
o final de uma sessão de análise
já está potencialmente colocado
desde seu início? Como é
que nossa escuta pode estar
atenta às figuras do tempo
em uma sessão
de análise?*

56

PERCURSO 67 : dezembro 2021

de ruptura, senão também como a causa do destino deste encontro interrompido”.² Muitas vezes, meu paciente atribui ao meu tom de voz um sinal de que o fim da sessão se aproxima, sentindo uma antecipação do momento do término. Com o andar do processo, penso que ele possa ter internalizado essa dimensão constante da duração do tempo de uma sessão de análise. A conexão que existe entre seu começo, o meio da sessão – com seus desvios e retornos – e seu fim anunciado, antecipado, mas que é, mesmo assim, sentido repetidas vezes como se fosse repentino. Perfeito. Uma experiência reveladora. Um significante.

“Em meu princípio está o meu fim. Em meu fim, está o meu princípio”. É com essas palavras que T.S. Eliot inicia e termina, respectivamente, a Parte II do poema “Quatro Quartetos”. Green (no livro que nos acompanhará nesta exposição, *O tempo fragmentado*, de 2000) faz referência a esse poema.³ Fiquei curioso e fui lê-lo. Ali Eliot fala das diversas figuras do tempo da vida de uma pessoa, da infância, da velhice, daquilo que se deu em um primeiro tempo e sobre o qual depois se pode refletir a respeito. De marcas primevas que se revisitam ao longo de uma existência. Marcas reinvestidas. Repetições, o ritmo das estações, diferentes tempos e ciclos de uma vida. Aquilo que foi dito e aquilo que não foi dito. Espaços, sentimentos de vazio em procura de sentido. Espera

e repouso. Enfim, me fez pensar em tanta coisa! O poema, como um sonho, continha tantas figuras do tempo misturadas em uma não linearidade... Me fez pensar em falas que podiam muito bem habitar um processo de análise, ou mesmo uma única sessão! Faço-me as perguntas: o final de uma sessão de análise já está potencialmente colocado desde seu início? Como é que nossa escuta pode estar atenta às figuras do tempo em uma sessão de análise?

Espaço e tempo, enquadre e linguagem

Muito se fala, em psicanálise, da importância que o espaço do enquadre e toda a sua montagem têm para as condições mínimas de se levar adiante um processo. O enquadre inclui diversos parâmetros e condições: a recriação do modelo do sonho, e seu análogo no setting, representado pelo divã; a falta de motilidade; a associação livre e seu complemento, a escuta flutuante; a posição recostada do analisando e o analista sentado atrás, implicado, porém, em reserva, ausente e presente. Há também toda a dimensão dos combinados temporais e de contrato referentes a frequência, horário, duração, pagamento etc. Esses são alguns entre tantos outros parâmetros amplamente explorados na literatura psicanalítica relacionados ao enquadre e ao espaço.

Porém, pouco se diz sobre o tempo no espaço analítico. Green, em *O tempo fragmentado*, aponta na direção daquilo sobre o que irá discorrer ao longo de seu ensaio: “Disse em reiterados casos que a psicanálise contemporânea havia encontrado soluções engenhosas para os problemas suscitados pela noção de espaço, mas poucas no que concerne ao tempo”.⁴ Ele parte de um sonho e dos diferentes tempos nele contidos para iniciar seu trabalho, um sonho que tivera na noite anterior, antes de iniciar a escrita do livro. Green descreve como o sonho trouxe elementos e fragmentos de distintas épocas de sua vida e como justamente um sonho não segue a lógica linear passado-presente-futuro. A psicanálise, de modo semelhante, segue uma lógica temporal perene,

de um núcleo de verdade que permanece intacto na intemporalidade do inconsciente.

Antes de falar sobre o tempo na sessão de análise, vou explorar um pouco alguns recortes sobre o enquadre na obra de Green e sua relação com a linguagem. Para Green, conforme frisa Fernando Urribari no prefácio do livro *A clínica psicoanalítica contemporânea*, “o modelo do sonho é o modelo teórico implícito na clínica de Freud”.⁵ Green fala do papel mediador e simbolizante da linguagem no modelo do sonho e da necessidade “de voltar ao modelo de base para dar conta da relação entre o fundamento pulsional do sujeito (intrapsíquico) e a transferência (intersubjetivo) e o papel mediador (simbolizante) da linguagem na análise”.⁶ Afinal, o modelo do sonho é o modelo paradigmático da psicanálise, e servirá de base para colocar em tensão o modelo do ato que o próprio Green porá em evidência no mesmo livro sobre o tempo citado acima.

No livro *A linguagem na psicanálise*, de 1983, Green, ao falar do enquadre e seus diferentes parâmetros e aspectos, explicita o papel da linguagem na situação analítica: “Se a linguagem é uma *mediação* até o inconsciente, então têm que se submeter a linguagem e suas condições de produção a uma modificação tal que a função mediadora se torne audível”.⁷ Nessa perspectiva, o enquadre torna-se um “*aparato psicoanalítico*, cuja função é a transformação a mais extrema possível do aparato psíquico em aparato de linguagem, e reciprocamente”.⁸ A definição do enquadre por Green, a partir desse ponto de vista, como menciona Urribari, é de um “aparato de linguagem” cuja meta é a transformação

2 A. Green, *El tiempo fragmentado*, p. 81. Não há tradução da obra do espanhol para o português.

3 A. Green, *op. cit.*, p. 50.

4 A. Green, *op. cit.*, p. 17.

5 F. Urribari, “Para una historia del pensamiento clínico contemporáneo” (prefácio), in A. Green, *La clínica psicoanalítica contemporánea*, p. 20, sem tradução do espanhol para o português.

6 F. Urribari, *op. cit.*, p. 20.

7 A. Green, *El lenguaje en el psicoanálisis*, p. 110. Livro sem tradução do espanhol para o português.

8 A. Green, *op. cit.*, p. 111.

9 F. Urribari, *op. cit.*, p. 20.

10 F. Urribari, *op. cit.*, p. 21.

o modelo do sonho
é o modelo paradigmático
da psicanálise, e servirá
de base para colocar
em tensão o modelo do ato
que o próprio Green porá
em evidência no mesmo
livro sobre o tempo

mais extrema possível da produção psíquica em linguagem, através da associação livre⁹. Por esse ângulo, a linguagem ganha um outro estatuto e faz referência direta ao conceito de enquadre desenvolvido por Green nessa altura de sua obra. Ainda em 1983, Green, conforme Urribari relata, define a linguagem da seguinte maneira:

[...] como um sistema triplo que inclui a dupla significância (de signo e de som), a dupla representação (representação de coisa e de palavra) e a dupla referência (à realidade psíquica e à realidade material). A transferência seria dupla: simultaneamente sobre o objeto (o analista) e sobre a palavra (discurso associativo). A linguagem, sobreinvestida pela transferência, funciona como um mediador até aquilo que não é linguagem, até o inconsciente. Por essa razão é que se diz: “A palavra analítica desvela a linguagem” [...]. O enquadre, enquanto elemento terceiro (entre analisando e analista), é definido como uma matriz de simbolização transicional e terciária.¹⁰

O enquadre como um aparato metaforizante. Onde há dois, há o terceiro. Em seguida, Urribari escolhe alguns fragmentos do texto de 1983 de Green sobre a linguagem para falar sobre a função do enquadre:

A função do enquadre é de levar a cabo uma *metaforização polisêmica* [...]. O enquadre reúne as três polaridades:





Green introduz o conceito de objeto analítico como objeto terceiro que surge na relação paciente/analista, isso no contexto do encontro analítico em que ocorre a comunicação entre analista e analisando

58

PERCURSO 67 : dezembro 2021

do sonho (narcisismo), dos cuidados maternos (da mãe, segundo Winnicott) e da proibição do incesto (pelo pai, segundo Freud). É, então, *simbolização da estrutura inconsciente do complexo de Édipo, ao que o aparato psicanalítico [o enquadre] faz falar [...]*. O aparato psicanalítico porta em si a possibilidade de fazer aparecer o outro do objeto, segundo a teoria de triangulação com o terceiro substituível.¹¹

O conceito de enquadre, que foi pouco explorado por Freud em sua obra, é, ao contrário, trazido à baila por Green no relatório de Londres de 1974, *O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico*. Green, Bleger e Winnicott são analistas que se debruçaram sobre a questão do enquadre em psicanálise. As contribuições do casal Baranger e de Donnet também são imprescindíveis para se entender o conceito de enquadre de Green. Nesse texto seminal de 1974, Green introduz o conceito de objeto analítico como objeto terceiro que surge na relação paciente/analista, isso no contexto do encontro analítico em que ocorre a comunicação entre analista e analisando no espaço potencial do enquadre. Na junção desses dois discursos, específicos da conversa analítica, há o espaço potencial que se forma entre eles na delimitação imposta pelo enquadre, um espaço que se quebra a cada separação e se reconstitui a cada reunião. Ao longo de sua obra, o conceito de

enquadre foi um dos eixos de pesquisa de André Green, tendo se ampliado ao longo do tempo à medida que ele e outros autores lhe adicionaram camadas e nuances, articulando o conceito de enquadre a outros tão relevantes para a psicanálise contemporânea, como o papel da contratransferência e o papel do objeto.

Frente à ruptura das condições espaciais no contexto da pandemia de 2020, principalmente no seu início, muito se falou sobre a dimensão espacial do enquadre, quando tivemos de fazer uma psicanálise sem a presença dos corpos, sem as intensidades de forças presentes no campo, longe de nossos consultórios, onde os parâmetros constantes do enquadre se faziam tão presentes. Forçosamente, teríamos que nos reinventar na relação com os nossos pacientes. Perguntamo-nos se era possível, sob essas novas condições, a prática da psicanálise que conhecemos. Seria possível com todos os pacientes? A partir daí, inúmeras respostas foram formuladas, e hipóteses, levantadas.

Hoje, ainda nos encontramos nesse processo de construção e teorização sobre o atendimento em-linha e todas suas implicações metapsicológicas. Entre outros, o conceito de enquadre interno foi amplamente explorado em diversos trabalhos e apresentações, e logo nos sentimos amparados por um conceito que dava conta de sustentar nosso trabalho em condições tão adversas ou, no mínimo, tão diferentes do que tínhamos no dia a dia dos nossos consultórios. A elasticidade da técnica foi colocada em jogo. No frígido dos ovos, o analista poderia contar com aquilo que sempre esteve introjetado nele: sua própria análise e a capacidade de manter “uma distância útil e uma diferença eficaz”¹² do seu analisando no novo setting online. São os processos internos do analista que sustentam, facilitam e têm como objetivo a simbolização. Sentimos ao longo da obra de Green que nunca será demasiado insistir na importância do enquadre e de manter sua constância frente às suas possíveis variações. Entre elas, as que vivemos em pleno advento da pandemia, com a maioria dos analistas ainda tendo 100% de seus atendimentos feitos em-linha, salvo

exceções. Isso me faz pensar: há certas coisas de que não podemos abrir mão!

No ano passado, ainda no primeiro mês da pandemia, quando vivíamos uma espécie de “tempo congelado”, lançados em uma rotina totalmente diferente daquela de antes, muito se falou sobre o lugar de repetição que experimentávamos. Surgiram então, para mim, perguntas que me fizeram pensar e repensar a minha clínica, seja ela presencial, seja em-linha: como a psicanálise vê a questão do tempo? Onde está a questão do tempo dentro do enquadre, e qual sua relação com ele? Quais são as diversas figuras do tempo que coabitam uma sessão? E, talvez, as perguntas que para mim se fizeram mais importantes: quais são as dimensões e as figuras do tempo na sessão de análise? Como elas são sentidas pelo analisando e pelo analista?

O ano de 2020 também foi o marco do centenário de *Além do princípio de prazer*, a famosa obra de Freud que cunhou a dita virada dos anos 1920. Green, no livro sobre o tempo, focado neste artigo, revisita a icônica obra de Freud e traz aportes originais, entre os quais o díptico “modelo do sonho/modelo do ato”, para se referir à primeira e à segunda tópicos freudianas. Green retoma a questão da compulsão à repetição na transferência e a reação terapêutica negativa; relança o problema da destrutividade sob uma ótica diferente no contexto de um tempo congelado; fala do irrepresentável, presente no modelo do ato, na descarga das moções pulsionais que passam a ser o centro do campo epistemológico. A manifestação sintomática mais reveladora do modelo do ato é a compulsão à repetição. Green discorre sobre os diferentes tempos da psicanálise, entre eles a importância central do conceito de *après-coup*, e sobre o tempo na cura, na própria sessão de análise e nas diversas figuras temporais de um sujeito, individuais, culturais ou históricas. Green, nesse momento de sua obra, fala de

11 F. Urribari, *op. cit.*, p. 21.

12 A. Green, *O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico*, p. 91.

13 F. Urribari, *op. cit.*, p. 25.

no livro sobre o tempo,
enfocado neste artigo, revisita
“Além do princípio do prazer”
e traz aportes originais,
entre os quais o díptico
“modelo do sonho/modelo
do ato”, para se referir à primeira
e à segunda tópicos freudianas

“uma virada dos anos 2000”, de um movimento de renovação da psicanálise e do seu aprofundamento no projeto de pesquisa da psicanálise contemporânea. Ao comentar esse ensaio como uma produção original de Green nessa etapa da obra dele, na sua maturidade, Urribari afirma:

No que se refere à sua produção pessoal, em *O tempo fragmentado* [...], Green propõe uma síntese dos dois modelos anteriores através do díptico ‘modelo do sonho/modelo do ato’, a fim de levar a cabo uma dupla investigação (sempre definida em torno do eixo representação/enquadre): por um lado, continuar aprofundando os estudos sobre os limites do analisável (em particular, a propósito da destrutividade ‘radical’); por outro lado, renovar a teoria da clínica contemporânea. O díptico ‘sonho/ato’ torna possível uma reelaboração dos fundamentos da técnica psicanalítica que gira ao redor do par conceitual ‘enquadre externo-enquadre interno’. O pensamento clínico é introduzido enquanto conceito.¹³

Eu me interessei particularmente pelo Capítulo 6 de *O tempo fragmentado*, cujo título é “O tempo na cura”. O texto me ajudou muito a pensar na célula básica de um processo de análise: a própria sessão, o seu andamento, o ritmo dela, seus excessos, seus silêncios, o dito e o não dito, os encadeamentos associativos – com seus desvios, ramificações e seus movimentos retroativos





ao analisarmos uma sessão
de análise em seus detalhes
e o seu movimento associativo,
podemos sentir uma densidade,
uma rede de sustentação para perceber
os movimentos do despertar pulsional
e a exigência de trabalho presentes
no enquadre analítico como aparato
de linguagem

e antecipatórios –, o tempo lógico versus o tempo constante, e aquilo que é anunciado no início e no final de uma sessão, e que pode ser sentido a posteriori a cada separação e reencontro. Deparei-me com uma verdadeira metapsicologia em torno da sessão de análise. Uma metapsicologia que daria conta para sustentar esse momento peculiar do atendimento em linha. O tempo como fio condutor de um movimento perceptível, que se repete, de maneiras diferentes, incontáveis vezes, durante um processo analítico. Aqui, tempo e espaço são indissociáveis.

Ao ler esse capítulo revivo uma epifania que tive quando li o artigo “A posição fóbica central”.¹⁴ Ali Green descreve um modelo possível de se pensar como ocorre a associação livre durante uma sessão. Nunca havia visto uma descrição de uma sessão tão pormenorizada! Em “O tempo na cura”, Green aprofunda as hipóteses do artigo da posição fóbica. Segundo ele, a própria sessão de análise pode nos ajudar a pensar no modelo da associação livre no contexto da clínica clássica. E, também, no funcionamento mental dos pacientes neuróticos dentro “de uma sessão idealmente produtiva”,¹⁵ para assim podermos comparar o andamento de uma sessão com o funcionamento mental de pacientes não neuróticos. Ao analisarmos uma sessão de análise em seus detalhes e o seu movimento associativo, podemos sentir

uma densidade, uma rede de sustentação para perceber os movimentos do despertar pulsional e a exigência de trabalho presentes no enquadre analítico como aparato de linguagem. Diferentes tempos e figuras temporais coabitam uma sessão, e assim podemos perceber a ligação entre eles. Além do tempo cronológico que aparece no material manifesto, podemos falar do tempo do sonho, da repetição e da *rêverie*. Como são duas pessoas presentes no setting, podemos falar do meu tempo e do tempo do outro, que, juntos, compõem o tempo do terceiro analítico. Podemos pensar também no andamento de uma sessão e nos seus ritmos, ora rápidos, ora lentos, tão presentes na compulsão à repetição. O andamento e suas modificações passam a ser algo que podemos acompanhar ao longo da hora analítica.

Antes de retomar a discussão sobre a sessão de análise, escolhi fazer uma comparação entre uma partitura musical e uma sessão, em um exercício associativo livre, metafórico, um pouco diferente. Minhas associações ficaram indo e voltando em torno de como poderia aproximar a questão do tempo na sessão com os conceitos do tempo contidos numa partitura musical. Logicamente, como em todas as aproximações feitas entre campos tão diferentes de conhecimento, existem várias limitações. Mesmo assim, me proponho a explorá-las.

A partitura musical

Vou soltar aqui alguns fragmentos que ficaram habitando minha mente ultimamente. Alguns referentes à partitura musical, outros referentes à sessão, ora separados, ora mesclados. Eu parto da afirmação: *a unidade de tempo de um processo de análise é uma sessão*.

Eis algumas definições sobre ritmo e tempo encontradas no livro *Guia teórico e prático para o ensino do ditado musical*, de Ettore Pozzoli:

A lei do ritmo baseia-se na *divisão ordenada do tempo*. Por *unidade de tempo* se deve entender o espaço de tempo que se passa entre dois limites

preestabelecidos e sensíveis ao ouvido. O som interrompe o silêncio. A cada som produzido há um intervalo entre eles. Espaço e tempo se misturam em sons e silêncios.¹⁶

Agora, algumas associações mescladas: a partitura é preenchida por sons e espaços vazios, ambos com uma unidade de tempo definida para preencher as células, os compassos da partitura. Podemos ter o espaço preenchido por muitas notas ou poucas notas, longos vazios de notas... Perfeito para improvisar, associar. A harmonia, o pano de fundo, o enquadre, é a rede de sustentação; ela é constante. Há o tempo e há o contratempo (tempo esse que pode se dar no silêncio, na ausência de som, na ausência de tempo... O silêncio em si é, afinal, uma unidade de tempo). Uma partitura tem uma assinatura constante de divisão do tempo e ritmo, há uma repetição do pulso (e a pressão para se manter o pulso constante). Manter o andamento... Detalhe: ele pode mudar! O andamento pode ser modificado no meio da partitura. Muda-se a assinatura do tempo. Há os ritmos binários e terciários, os dois ritmos fundamentais da música. No enquadre, há duas pessoas; onde há o duplo, há o terceiro.

Voltando a Pozzoli: “Nem todos os momentos dão a mesma impressão ao ouvido, o que é facilmente perceptível, principalmente quando o mesmo ritmo é repetido”.¹⁷

Podemos voltar ao começo ou a outras partes da partitura repetidamente. Podemos voltar *da capo*, à cabeça da música; voltar ao seu início de maneira obstinada, repetitiva, como representada na figura musical do *ostinato*. Repetições de seqüências de sons, padrões rítmicos e melódicos, persistentes e repetitivos. Esses são os mais perceptíveis. Na voz de um paciente pode aparecer como uma afirmação: “Não aguento mais aquela musiquinha repetitiva na minha cabeça...”. Há o

14 A. Green, A posição fóbica central, *Revista Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 3, n. 1, p.35-70.

15 A. Green, *El tiempo fragmentado*, p.40.

16 E. Pozzoli, *Guia teórico e prático para o ensino do ditado musical*, p. 6-7.

17 E. Pozzoli, *op. cit.*, p. 6.

»
a discussão de Green
sobre o tempo na cura parte primeiro
da questão da duração de uma
análise (ou de diversas análises)
e da necessidade (ou não)
de reanálise. Em seguida, formula
críticas bem contundentes em face
do tempo lógico e ao encurtamento
da sessão de análise

contraponto, composto de dois tempos distintos que ocorrem simultaneamente. O meu tempo e o tempo do outro. Ao mesmo tempo. A tensividade da emissão do som também é variável. A força e a energia colocadas no som são variáveis. Dirijo-me a quem quando interpreto a partitura? A linguagem está situada entre o grito e o silêncio.

Sinto que posso transitar indefinidamente entre essas figuras, em uma polifonia de sentidos metafóricos, tão semelhante àquela com que me deparo em uma sessão.

A sessão de análise

A discussão de Green sobre o tempo na cura parte primeiro da questão da duração de uma análise (ou de diversas análises) e da necessidade (ou não) de reanálise. De maneira provocadora, ele defende uma análise longa levada a cabo em diversos períodos, ao invés de uma única análise mais intensa e com frequência de cinco vezes por semana durante um período curto. Em seguida, ironicamente, ele formula críticas bem contundentes em face do tempo lógico e ao encurtamento da sessão de análise, contrapondo as problemáticas do tempo do analista e do tempo do analisando. Será que o analista encurta a sessão frente a uma angústia que ele próprio não consegue tolerar?



*na associação livre
não há uma linearidade
no discurso de um paciente,
apesar de aparentemente
haver uma organização naquilo
que é falado. Cabe à escuta
do analista perceber esses
movimentos progredientes
e regredientes dentro
da sessão*

Green defende que a sessão de análise deva ter uma duração constante, seja ela de 45 ou 50 minutos. Obviamente, na eventualidade de se sair de um parâmetro estabelecido, encurtando-se (ou mesmo prolongando-se) uma sessão, isso não nos afasta do lugar de cuidado e fidelidade à técnica psicanalítica. Muito pelo contrário, isso aponta para uma flexibilidade necessária e possível, circunscrita àquele momento específico, daquela sessão, levando-se em conta a singularidade daquele analisando. Green aponta de modo provocativo quão raro é o prolongamento das sessões, por exemplo como ocorria no manejo do tempo de Winnicott em sessões com pacientes graves, que poderiam chegar à duração de 90 minutos ou mais. Green defende que “uma vez que nenhum tempo verdadeiramente objetivo é possível para se anunciar o fim da sessão, tampouco nenhum limite é definível para a sua abreviação”.¹⁸ Ele propõe que nos detenhamos sobre aquilo que se passa em uma sessão como a melhor maneira de se avaliar a qualidade de um processo, principalmente a questão sobre se existem, ou não, a associatividade e a possibilidade de representação.

De fato, a sessão é – tem que se dizer – a unidade de tempo da análise, aquela em que se avalia o trabalho analítico de cada encontro. Aquela que torna inteligível a ação do analista no seu trabalho.¹⁹

Seja uma sessão levada a supervisão, ou uma sucessão delas, ou mesmo o fragmento de uma sessão, a liberdade associativa do analista (e dos seus pares) lhe permite pensar no seu paciente e no seu processo de maneira mais clara.

A quem é dirigido aquilo que fala o paciente na sessão? Ao que se refere? O que é despertado (e se move de maneira progressiva, adiante, ou mesmo regressiva) na fala do paciente? O que é despertado em possíveis silêncios, curtos ou prolongados, quando ele inicia a sua sessão, ou mesmo ao longo dela? Green parte do esquema apresentado por Freud no projeto de 1895, para ilustrar o funcionamento do eu, para servir seu propósito e iniciar sua exposição sobre os processos que ocorrem em uma sessão. Nesse capítulo 6 de *O tempo fragmentado*, “O tempo na cura”, Green retoma diversas expressões introduzidas no artigo “A posição fóbica central”, que citei há pouco, expressões como “irradiação associativa; arborização reticulada; reverberação retroativa e anunciação antecipatória”.²⁰ Ele as utiliza para descrever os diversos movimentos da associação livre que acontecem com as forças, falas, silêncios e rupturas dentro de uma sessão. De alguma maneira essas expressões parecem nos remeter a figurais temporais, descrevendo uma heterocronia. Green parte da descrição de uma sessão psicanalítica clássica para percorrer o seu caminho. Os movimentos em direções diferentes em uma mesma sessão nos remetem a uma “temporalidade pluridirecional”.²¹

Na associação livre não há uma linearidade no discurso de um paciente, apesar de aparentemente haver uma organização naquilo que é falado. Cabe à escuta do analista perceber esses movimentos progredientes e regredientes dentro da sessão. Green utiliza o termo “irradiação associativa” para descrever como os elementos do discurso, na situação analítica, seguem um caminho duplo “retroativo e antecipador”.²² Em “A posição fóbica central”, ele menciona as diferentes relações temporais progredientes e regredientes que ocorrem no processo associativo de uma sessão:

As associações permitem indicar, ajudadas por condensações e deslocamentos, núcleos de reverberação retroativa: ou seja, que um elemento enunciado só toma verdadeiramente sentido se, a partir dele, são esclarecidos ecos retroativos às vezes convergentes, contidos em propósitos enunciados anteriormente na sessão, que testemunham a persistência de seu poder significativo muito tempo depois que o discurso que os continha tenha se apagado. Da mesma forma, em outros momentos, embora nada o pressagie, alguns termos terão efeitos de advertência, experimentados como tal a posteriori, sem que o analista, no momento em que os ouve, esteja à altura de predizer a forma do que acontecerá e cuja ocorrência ulterior permitirá deduzir sua relação com seu precursor. O alcance dessas relações é percebido a posteriori pois o valor de antecipação estava isolado e não podia deixar pressentir precisamente o que então se anunciava. Assim, reverberação retroativa e anunciação antecipatória agirão juntas ou alternadamente, fazendo-nos compreender que a associação livre permite nos aceder a uma estrutura temporal complexa que coloca em questão a linearidade aparente do discurso para nos tornar sensíveis a uma temporalidade tanto progressiva quanto regressiva, que toma uma forma arborescente e, sobretudo, produtora de potencialidades não expressas ou geradoras de ecos retrospectivos. Se é assim, é porque a organização psíquica não cessa de se modificar ao longo de sua história, fato ao qual Freud fez alusão, sem elaborar as implicações teóricas, ao falar da atração no reprimido pré-existente (A Repressão).²³

Explorando a imagem de uma árvore, ele completa mais adiante: “Se existe arborescência do

18 A. Green, *El tiempo fragmentado*, p. 70-71.

19 A. Green, *op. cit.*, p. 71.

20 A. Green, “A posição fóbica central”, p. 43-44.

21 A. Green, “*El tiempo...*”, p. 74.

22 A. Green, *op. cit.*, p. 75.

23 A. Green, “A posição ...”, p. 43-44.

24 A. Green, *op. cit.*, p. 44-45.

25 A. Green, “El enquadre psicoanalítico y su interiorización en el analista y su aplicación en la práctica”, in *La clínica psicoanalítica contemporánea*, p. 61.

26 A. Green, “Introducción al pensamiento clínico”, in *El pensamiento clínico*, p. 45.

27 A. Green, *El lenguaje em el psicoanálisis*, p. 122.

28 A. Green, *op. cit.*, p. 123.

o enquadre permite que uma produção psíquica mediada pela palavra seja dirigida a alguém que está ali, mas não está: “Quem fala? A quem ele fala? De quem ele fala?”.

A transferência traz aquilo que há de mais atual, em um diálogo aparentemente trivial com o analista na situação analítica

sentido, é na medida em que se pode passar de um ramo da árvore ao outro, por um trajeto recorrente para voltar, em seguida, para as bifurcações ulteriores do ramo de onde se partiu”.²⁴

Antes de chegarmos nos ramos, convém tentarmos retomar o caminho proposto por Green para pensar a sessão de análise: uma quantidade de força (a pulsão) é despertado no enquadre, como “um campo de forças”²⁵ que se coloca em evidência e permite tomar consciência dessa força através da transferência, “o objeto como revelador da pulsão”.²⁶ O enquadre permite que uma produção psíquica mediada pela palavra seja dirigida a alguém que está ali, mas não está: “Quem fala? A quem ele fala? De quem ele fala?”.²⁷ A transferência traz aquilo que há de mais atual, em um diálogo aparentemente trivial com o analista na situação analítica, e pode ser revelador dos diferentes tempos presentes em uma sessão. “Pode-se afirmar então que o discurso está inteiramente impregnado pelo passado, conotado por suas antecipações do futuro, e se desdobra, ao mesmo tempo, na única dimensão do presente”.²⁸ Não há nada mais atual, e que condense as figuras do tempo, do que a transferência.

Devemos levar em conta a indissociação do par pulsão–objeto para entender o pensamento de Green. Qual o papel do objeto que acompanha e sustenta os desdobramentos de uma sessão?





Green, diz Talya Candi,
“enumera 12 funções que
precisam ser desempenhadas
pelos objetos e o ambiente
em geral”. Essas funções talvez
possam servir de balizamento
para pensarmos se elas estão
presentes (ou não) na clínica
em-linha

Quais as funções do objeto externo que podem ser desempenhadas na situação analítica? Se pensarmos no âmbito clínico e no enquadre, que inclui o funcionamento mental do analista: temos as condições mínimas possíveis para poder sustentar o processo de simbolização? Talvez pudéssemos formular uma grande pergunta para pensarmos se o analista consegue desempenhar as funções de objetos primários também no contexto do enquadre em-linha, para, assim, pensar no díptico espaço-tempo no contexto de uma sessão de análise. Green, diz Talya Candi, “enumera 12 funções que precisam ser desempenhadas pelos objetos e o ambiente em geral”.²⁹ Essas funções talvez possam servir de balizamento para pensarmos se elas estão presentes (ou não) na clínica em-linha, pois sabemos pela nossa experiência que elas fazem parte da clínica presencial. A ampliação do conceito de uso do objeto pode apontar na direção de uma metapsicologia que possa dar conta da elasticidade e das variações da técnica psicanalítica em contextos diferentes, como esse que vivemos no momento. Essas funções também podem ser pensadas no contexto de uma clínica com pacientes não neuróticos que exigem uma presença maior do analista.

Vou começar pela função que explora o que falei acima, para depois simplesmente listar as outras, por falta de espaço. Elas estão descritas no livro *O duplo limite*, de Talya Candi:

Função de despertar a pulsão e de enquadrar:
O objeto deve poder acordar e estimular a vida pulsional; o enquadre é a marca e permanência de alguma coisa que surge ao lado da experiência de satisfação e que possibilita transformar a espera de satisfação em espaço potencial de procura alternativa de satisfação, transformando a passividade angustiante de espera em investigação, de onde pode advir o sentido”.³⁰

As outras funções desempenhadas pelos objetos primários no enquadre, segundo Green e descritos por Talya, são: “função de investimento; função de reflexão; função de satisfação; função de ilusão; função de regulação das condições de angústia; função de atração e substituição; função de criação; função de indução”.³¹ Algumas funções são despertadas automaticamente pelo enquadre e, como disse acima, estão relacionadas a condições mínimas de possibilitar a simbolização que incluem o funcionamento mental do analista. São elas: “a função de despertar e interpelar; a função de sustentar (holding); a função de conter (containing); a função de reconhecimento”.³² Esta última está ligada à série associativa que realiza uma ligação composta de diversos elementos: imagens, afetos, sensações, representações de coisa e de palavra, incluindo representações não verbais, em uma heterogeneidade tão característica do aparelho psíquico, na visão de Green.

Por último, gostaria de fazer menção à questão do silêncio. Podemos pensar no silêncio que facilita elaboração versus o silêncio mortífero, do tempo congelado, que pode simplesmente atualizar a mãe morta ou o pai punitivo. A questão da associatividade está sendo discutida justamente para contrapor o paciente que se beneficia do modelo clássico (com o paciente que faz quase todo trabalho) em comparação com os pacientes-limite, que não aceitam e não se beneficiam do modelo do sonho, sendo intolerantes ao enquadre tradicional, que pode ser sentido como um elemento intrusivo, insuportável. O enquadre em-linha é sentido como protetor ou ameaçador? Ou, agora, talvez seja melhor dizer ambos, ora protetor, ora não? Vimos ao longo desse tempo

de pandemia análises que se beneficiaram desse modelo em-linha e outras que não foram possíveis nele.

Voltando ao vazio: suportar o vazio e o silêncio está entre os grandes desafios e potencialidades de uma sessão de análise. É no silêncio das notas musicais, nos espaços do vazio na partitura, que se preenchem o tempo e o espaço com a construção de sentidos. É onde criativamente estamos implicados com aquilo que está sendo dito, manifesto pela partitura, pela busca de sentido na sessão de análise como um aparato de linguagem.

Conclusão

Parece-me interessante, agora, ao final do artigo, fazer menção à primeira frase deste trabalho, remetendo-nos novamente à ideia de que o final está no seu princípio e de que no princípio está o seu final. Podemos pensar que, em uma partitura musical, o primeiro acorde, no início, o primeiro despertar de exigência de trabalho que caminha na direção do seu final, é o mesmo acorde tocado no seu final. Um acorde que marca um repouso, uma ruptura, um silêncio que se prolongará até a próxima partitura, até o próximo reencontro.

Não sei se quem está seguindo este artigo já fez aqueles desenhos de ligar os pontinhos, tão populares nos anos 1970. A criança tinha uma ideia mais ou menos da figura que iria aparecer, antes de traçar a linha que os ligava, mas, mesmo assim, tinha que ligar pontinho por pontinho para chegar à figura final, que magicamente se revelava se os pontos fossem ligados sequencialmente. Às vezes a gente errava e a figura não saía tão perfeita. Diferentemente desse jogo, uma sessão de análise não tem seus pontos ligados sequencialmente

»
*podemos pensar que,
em uma partitura musical,
o primeiro acorde, no início,
o primeiro despertar de exigência
de trabalho que caminha
na direção do seu final,
é o mesmo acorde
tocado no seu final*

em uma linearidade espacial-temporal. Mas tem uma lógica de que os seus pontinhos fazem parte de um movimento que busca uma construção de sentido, talvez só sentido *après-coup*. Uma partitura é basicamente preenchida pela presença de pontinhos (as notas musicais) e pela ausência de notas (as figuras de silêncios).

Faço uma última pergunta: na sessão de análise, seja na modalidade em-linha, seja presencialmente, cabe ao analista ligar os pontinhos dos diferentes tempos, para somente aí se chegar à imagem potencial que está presente desde o seu início? Prefiro pensar que, como no jogo do rabisco, esse desenho é feito de modo compartilhado. Mesmo sendo o analista o guardião do tempo e do enquadre, analista e analisando traçam juntos a linha do tempo de uma sessão, vivenciando concomitantemente os seus próprios tempos, e os tempos do outro. Tempos de ausência e presença, tempos diferentes, intercambiantes, que coabitam um mesmo espaço na procura de sentido.

29 T. Candi, *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*, p. 232-233.

30 T. Candi, *op. cit.*, p. 232-233.

31 T. Candi, *op. cit.*, p. 232-233.

32 T. Candi, *op. cit.*, p. 232-233.

Referências bibliográficas

- Candi T. (2010). *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.
- Eliot T.S. Quatro quartetos. Trad. I. Junqueira. Apud G. Bastos, T.S. Eliot e seu 'East Coker', o princípio e o fim. *Século Diário*. 03/10/2015. Disponível em <<http://www.seculodiario.com.br/cultura/t-s-eliot-e-seu-east-coker-o-principio-e-o-fim>>. Acesso em 15 nov. 2020.
- Green A. (1974). O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico. In: *A loucura privada*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Escuta.
- _____. (1983). *El lenguaje en el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (2000). *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (2001). A posição fóbica central. *Revista Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 3, n. 1.
- _____. (2002). Introducción al pensamiento clínico. In: *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (2012). El enquadre psicoanalítico su interiorización en el analista y su aplicación en la práctica. In *La clínica psicoanalítica contemporánea*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Pozzoli E. (1983) *Guía teórica e práctica para o ensino de ditado musical*. São Paulo: Ricordi Brasileira.
- 66 Urribari F. (2012). Para una historia del pensamiento clínico contemporáneo (prefácio). :n A. Green, *La clínica psicoanalítica contemporánea*. Buenos Aires: Amorrortu.

Time in the analytic hour and the musical score: reflections on the framework in André Green's work

Abstract This article explores the images of time present in a psychoanalytical session. The diptych external-internal setting functions as an analyzer of the analytical process and the presence of associativity in the online or presential clinic. Musical elements such as rhythm, space and time are used to think metaphorically in the processes that occur in the analytical session.

Keywords Heterochrony, setting, language apparatus, space and time, music score

Texto Recebido: 09/2021

Aprovado: 11/2022